

OBJETOS, TEORIAS E MÉTODOS NUM PROGRAMA DE CRÍTICA CULTURAL, SITUADO NO CAMPO LINGÜÍSTICO-LITERÁRIO, A PARTIR DA UNEB

Osmar Moreira dos Santos¹

Resumo: Trata-se de uma exposição e/ou instalação de elementos epistemológicos que tomem os sentidos de estudiosos, gestores, comunidade científica, bem como das pessoas comuns, em geral, sobre o que seria e qual o sentido do funcionamento de um curso de doutorado na área de Letras e numa cidade do interior da Bahia, dispondo, por essa condição, de alguma abertura no sistema científico, para se tornar um programa de referência na área. Objetivos: mostrar como a implantação recente do Departamento de Linguística, Literatura e Artes, no Campus II da UNEB em Alagoinhas, traduz a história de quase 50 anos das Letras por aqui (1972-2020) com destaque para a formação doutoral e pós-doutoral do seu corpo docente oriunda de vários programas e universidades do Brasil e do exterior; demonstrar como há na história dos projetos de pesquisa desse corpo docente, entre 40 e 60 anos, um deslocamento dos problemas explorados em suas teses para uma confluência nova acerca da crítica cultural, aqui entendida e praticada não mais como estudos culturais, nem crítica literária, mas como um platô situado no interior do campo linguístico-literário para problematizar a dicotomia entre uma linguística que só trate dos problemas da língua e de um campo

¹ Professor de Literatura, desde 1990, na antiga Faculdade de Professores de Alagoinhas/FFPA - UNEB e, nos últimos anos, já no Departamento de Educação do Campus II/UNEB, professor de Estudos Filosóficos, na graduação em Letras. No Pós-Crítica, leciona Metodologia da Pesquisa em Crítica Cultural, entre outras, nos cursos de mestrado e de doutorado. Desde final da tese, em 2001, articula condições epistemológicas e infraestruturais para o desenvolvimento da pesquisa em Letras no âmbito da UNEB. Autor de projetos relevantes para isso, a saber, projeto de Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural, mestrado e doutorado; projetos de infraestrutura junto a UNEB, Fapesb, FINEP, CNPq; projeto do Departamento de Linguística, Literatura e Artes. Além de projetos de pesquisa relevantes, a exemplo, *Arquivos e políticas do valor* (PROCAD entre Pós-Lit/UFMG e Pós-Crítica/UNEB, 2012 – 2016); *Potências transnacionais e seus crivos culturais* (BRICS), com dezenas de pesquisadores docentes e discentes do Pós-Crítica, programas da UFBA, da Universidade de Pequim/China, da Universidade de São Petersburgo/Rússia e da Índia e África do Sul. Autor de livros e artigos de circulação nacional e internacional.

literário que só trate do fenômeno literário, e estabelecer as condições para uma arqueologia dos signos e sua reverberação pelas ciências humanas. A metodologia para essa instalação envolve os acervos do centro de documentação Iraci Gama, com produções dos cursos de Letras não só de Alagoinhas, mas com interfaces com outros 22 cursos de Letras da UNEB, além dos produtos, em 10 anos de funcionamento, do Mestrado em Crítica Cultural, em que os objetos língua e literatura não são aprisionados e confinados pelo campo, mas abertos a novas relações eróticas, intersemióticas, com as demais áreas do saber humano. Espera-se, com essa instalação, oferecer ferramentas para o arrombamento e ocupação de espaços epistemológicos improdutivos, ociosos, vegetativos, e proliferar novas formas de provocação, de leveza e alegria de criar e resistir. Sem essa tecnologia dos signos não há como escaparmos de uma falsa noção de excelência científica, nem como estabelecermos condições para a formação de outro perfil para o(a) doutor(a) em crítica cultural: um(a) criador (a), um(a) inventor(a) de novas línguas e formas, recicladas e extraídas do lixo de um conhecimento milenar eivado de preconceito, racismo e violência epistêmica.

Palavras-Chave: Língua, Literatura, relações intersemióticas. Arqueologia e tecnologia dos signos. Arrombamento e ocupação de espaços epistemológicos.

DO NOMADISMO AO PLATÔ²

Empreendidas as ordens de despejo linguística, cultural, territorial e ontológica de povos indígenas, do povo negro traficada da África para o trabalho escravo, e da emergente população colonial, permanentemente empobrecida nos últimos 500 anos, quando não dizimados; os senhores de escravos, de latifúndios e de servos, além de se apropriarem do Estado como instituição privada no Brasil, ainda vão disseminar, permanentemente, a lógica da divisão, da intriga e do ódio entre esses

² Discussão aprofundada e detalhada dessa noção de platô, ler SANTOS, Osmar Moreira dos. “Platô de crítica cultural na Bahia: por um roteiro de trabalho científico transgressor”, in: ATAÍDE, Cléber et al. (Orgs.) *Cartografia GeINE: 20 anos de pesquisa em Linguística e Literatura – Vol II*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2019.

despejados. Essa é a lógica da dominação cultural em países da periferia do capitalismo, e o que é mais grave: essa lógica entranha as instituições, entre elas, o sistema científico e a universidade.

Se toda a riqueza material produzida na face da terra deriva de duas fontes, a saber, da natureza e de quem trabalha, vendendo sua força de trabalho ou tendo essa força escravizada, e a serviço de seus donos e patrões(MARX, 1980), então todo o sistema científico, da Educação Básica às universidades, para ser de fato comprometido com a verdade e com a emancipação dos povos oprimidos e despejados pelo capital, esse sistema científico deveria oferecer condições para que todos esses despejados tomassem consciência de sua condição e não caíssem na lógica da dominação, isto é, a divisão, a intriga, o ódio, e se organizassem a favor de uma consciência de classe (LUKÁCS, 2003), com a conseqüente organização da luta para a derrubada desse sistema opressor e a implementação de uma justa distribuição material e simbólica da riqueza produzida.

Nota-se, pelas proposições cima, que a lógica da dominação cultural na periferia do capitalismo pressupõe um sistema de falsificação da realidade, em certa medida, sob a convivência do sistema intelectual, a saber, “o poder produz o saber e o saber engendra o poder”, diria Michel Foucault (1990), ou, mais radicalmente: todo o saber dos povos despejados, se não é estimulado a conspirar contra si mesmos, muito raramente é considerado como uma epistemologia da diferença que recolhe, entre os escombros de seus modos de vida, o sentido de sua existência nômade, em fuga permanente, e que em parceria com vozes dissonantes do sistema intelectual, organize um contrassistema intelectual capaz de formular outros problemas sobre e entre essa lógica da falsificação da realidade, subjacente ao sistema intelectual periférico e o imploda, a favor de mais oxigênio e liberdade para o ato de conhecer (SARTRE, 2002) e engendrar novas condições de produção e compartilhamento de saberes, isto é, cidadania cultural entre os despejados.

É assim que num dos primeiros textos do Programa de Crítica Cultural, de minha autoria, intitulado “Pesquisa em crítica cultural como técnica de arrombamento e ocupação de espaços epistemológicos”, *Heterotopia* vol. 1, n.1, de dezembro de 2009, esboça-se alguns princípios e roteiros, a saber, em todo ato de conhecer, não se deve negligenciar o problema da produção da riqueza material e sua distribuição; a vida, os modos de vida, para serem afirmados, em contexto de barbárie, exige, exigem que cada um, individualmente ou em coletivos, construamos sempre uma máquina de guerra de combate, já no plano simbólico; o materialismo histórico e dialético, como um método de lutadores sociais, precisa ser impactado por uma dialética paradoxal (DELEUZE, 1988), para não sucumbir ao mecanicismo e sua redução a palavras de ordem (SARTRE, op., cit.); se a desapareição dos seres humanos sobre a terra, por alguma espécie de barbárie ou escatologia, implica a completa desativação de processos de entendimento concernente à nomeação das coisas e seus efeitos de sentido, então toda a máquina da linguagem humana, demasiadamente humana, é acessível a todos, sem discriminação; está na língua, mas também no corpo de cada oprimido(a), os sons, os traços, os rastros, as formas, a sintaxe e o sentido de uma nova pragmática da subjetividade ou da “cidade subjetiva”; mas, nada disso é suficiente, se não nos organizarmos coletivamente, pública e/ou clandestinamente, para se rastrear quem se apropria do simbólico para controlar o real e o imaginário; quem se apropria do produto do trabalho para inverter sua lógica e criar o feitiço, o fetichismo da mercadoria da vida, da alma e da classe trabalhadora ou das minorias excluídas e, de posse desses dados, e como que circulando-os de mão-em-mão, de bairro-em-bairro, de escola-em-escola, de quilombo-em-quilombo, de aldeia-em-aldeia, e entre os equipamentos de cultura, vislumbrarmos a proliferação de comunas (CLASTRES, 1988; DUMONT, 1964; MÉSZÁROS, 2002; SANTOS, 2016) no lugar dos latifúndios; de comitês de fábrica no lugar das chefias e diretorias executivas, e assim por diante.

Esses princípios, fundamentos ou roteiros deve fazer parte da “bíblia” ou do conjunto de saberes de todos os despejados. Foi e tem sido

assim em minha experiência de vida: do menino que aos 7 anos de idade “descolou-se” de sua família, habitante numa fazenda, para ir estudar numa cidade com quase 200 km de casa, na Bahia, mas que entre dores e saudades, vícios e desesperos, 8 anos depois, já em outra cidade, conclui o fundamental ou ginásio; 17 anos depois, perambulado por muitas cidades do Brasil, conclui o ensino médio e ingressa na universidade em Letras (UCSAL) e Matemática (UFBA); 21 anos depois, passava num concurso para ensinar literatura numa universidade pública (UNEB, Faculdade de Formação de Professores de Alagoinhas); 31 anos depois, já concluídos os cursos de mestrado e de doutorado, orienta sua linha de trabalho em três frentes, a saber, reinventar a iniciação científica no Campus II da UNEB, em Alagoinhas, num curso de Letras que já tinha 29 anos de existência (1972-2001) mas ainda focado no ensino e na extensão; reunir professores(as) de Letras da UNEB, em 2001 com mais de 10 cursos espalhados pela Bahia e com centenas professores, para criar e implantar um Programa de Pós-Graduação *stricto sensu*; propor um novo projeto de pesquisa, diferente do que havia desenvolvido nos 7 anos de mestrado e doutorado e que resultou no *Banquete antropofágico: táticas de negociação cultural emergentes no Brasil*, mas que me permitisse ao mesmo tempo problematizar alguns aspectos do programa em que havia concluído minha pós-graduação, o Letras e Linguística do Instituto de Letras da UFBA, e abrir uma problemática nova a partir do que se fazia epistemologicamente na área de literatura nas universidades estaduais da Bahia e, com essa pesquisa-diagnóstico, mobilizar o que fosse necessário para ativar a nossa potência subalterna, através do Núcleo de Estudos da Subalternidade, o NUES.³

³ Através do NUES (Núcleo de Estudos da Subalternidade), entre 2002 e 2006, realizamos simpósios e seminários, a saber, *Literatura, mediações culturais e subalternidade fora do eixo Bahia com H* (simpósio), 2002, VIII Congresso da ABRALIC: Mediações, UFMG – Belo Horizonte; I Seminário do Núcleo de Estudos da Subalternidade (25 e 26/01/2002). *Cotidiano e cegueira: o que pode o subalterno?*; II Seminário do Núcleo de Estudos da Subalternidade (19 e 20/04/2002): *Poder e captura do desejo*; III Seminário do Núcleo de Estudos da Subalternidade (02 e 03/08/2002): *Fronteiras*; IV Seminário do Núcleo de Estudos da Subalternidade (16/01/ 2003): *Modos de adoecer, modos de guerrear*; V Seminário do Núcleo de Estudos da Subalternidade (09/06/2003):

O nomadismo com que se deu a minha experiência, da infância e meus estudos ao título de doutor em Teorias e Críticas da Literatura e da Cultura, em Letras, em certa medida foi um despejo da língua carinhosa, familiar, para o sem forma da língua estrangeira do mundo; além do despejo da cultura do meu pequeno mundo familiar e camponês para a ostensiva e despudorada linguagem de uma cidade como Vitória da Conquista e sua vida suburbana; já o despejo do território e do ser fica óbvio através dos deslocamento pelos espaços entre o rural e o urbano e pelos sabores e dores da vida subjetiva ficcional de uma criança e adolescente dividido entre valorizar sua vida rural, que o havia despejado, e a melancolia e o desencanto com a vida urbana, tomada pela lógica de valorização de pessoas ricas e suas banalidades, isto é, metabolizar valores e brutalidades do capital em suas dobras, na periferia do mundo, e entranhados ao corpo e espírito dos despejados. Ou seja, faltava a essa criança e jovem, em perambulação pelo mundo, encontrar no sem forma da língua estrangeira, a forma que lhe permitisse dramatizar essa divisão do seu ser despejado, sem terra e sem cultura revolucionária de referência.

Apenas na psicanálise, aos 19 anos e durante os cursos de mestrado e de doutorado, fui provocado, pela primeira vez, a interpelar, como o fez Luiz Gama, “quem sou eu?” e, mais do que isso, aprender a me desmontar enquanto um construto da barbárie, e por minhas próprias mãos, para se

Intertextualidade e experimentação; VI Seminário do Núcleo de Estudos da Subalternidade (29 e 30/3/2004): *Corpo e linguagem*; VII Seminário do Núcleo de Estudos da Subalternidade (11, 12 e 13/11/2004): *Cultura do paradoxo*; VIII Seminário do Núcleo de Estudos da Subalternidade (14, 15 e 16/04/2005): *Karl Marx: Est-éticas do trabalho e devir revolucionário*; IX Seminário do Núcleo de Estudos da Subalternidade (22, 23 e 24/09/2005): *Alagoinhas invisível: entre o localismo e os processos globais de homogeneização*; X Seminário do Núcleo de Estudos da Subalternidade (16, 17 e 18/02/2006) *Gilles Deleuze: pensamento em movimento e socialismo libertário linguagem*; Gilles Deleuze: *pensamento em movimento e socialismo libertário* (comunicação no simpósio *Filosofia Contemporânea*), 2006, XII Encontro Nacional de Filosofia da ANPOF, Salvador. *Estudos da subalternidade: genealogia e ação direta como teoria do jogo e cultura política*. In: *O local, o regional, o nacional, o internacional, o planetário: lugares dos discursos literários e culturais*, 2006, Rio de Janeiro. X Congresso da ABRALIC, 2006.

chegar, digamos, a uma nova “clareira do ser” (HEIDEGGER, 1967; 1978; SLOTERDIJK, 2000; GUATTARI e ROLNIK, 2011).

Se cada ser humano que acontece, para a existência, já nasce enredado na linguagem, ou seja, um “si” marcado por relações de força entre saber e poder ativos e/ou reacionários, então a posse da língua, o direito ao pensamento, é uma condição, desde a tenra infância, para se entrar na história e estar com o mundo (FREIRE, 2007) e não um mero estar (jogado) no mundo. Sendo assim, o ato de conhecer e a tecnologia dos signos que o acompanha, para além de lançar luz sobre o real embaçado, para além da necessidade urgente de se politizar a relação entre o real e o imaginário (DELEUZE, 2002), é também, e principalmente, a expansão da potência de conhecer a si mesmo nessa relação, incontornável, entre um saber reativo que tenta separar o poder ativo do “si” daquilo que o “si” pode, ao mesmo tempo em que um saber ativo, do “si”, encontra suas linhas de fuga, isto é, faz fugir o saber e o poder reativos.

E minha principal ferramenta de combate, uma semana antes de viajar para a cidade distante, onde começaria meus estudos, em tenra idade, foi me dada por minha mãe, ainda hoje sem saber ler nem escrever, que dizia assim, em minhas oficinas de aprendizagem do abecedário: “vamos ler de A a Z, direto; agora, de forma salteada; depois, é juntar um B com o A, ba; um L com A, lá; ba-la. Uma semana depois, e durante algumas horas por dia, já dispunha do básico para abrir as portas da máquina do mundo.

“PROFESSORINHAS NÃO PRECISAM SABER O QUE É TENSÃO DISSONANTE NUM POEMA”⁴

Concluída minha Graduação em Letras pela Universidade Católica do Salvador (UCSAL) e ainda matriculado em matemática na Universidade

⁴ Num dos meus primeiros encontros com o grupo de professores da área de Literatura da

Federal da Bahia (UFBA), em 1988, ingressei como professor substituto em 1989 na Faculdade de Formação de Professores de Santo Antônio de Jesus e, como efetivo, em 1990 na Faculdade de Formação de Professores de Alagoinhas.

Entre 1990 e 2001, com Dedicção Exclusiva às minhas aulas de Literatura Brasileira e à pesquisa sobre *A questão da pós-modernidade em Rubem Fonseca*, pude fazer da sala de aula um laboratório para através da literatura brasileira levar ao limite o campo literário (o texto criativo, a historiografia, a teoria e crítica) e, também, fazer da pesquisa sobre Rubem Fonseca (1990-1993) e sobre a ressonância da antropofagia oswaldiana em Glauber Rocha, Caetano Veloso e João Ubaldo (1994-2001: *Banquete antropofágico: táticas de negociação cultural emergentes no Brasil*), um extraordinário campo de experimentação teórica e metodológica.

Em minha biblioteca à mochila, típica dos nômades e andarilhos, trazia de Salvador para Alagoinhas, inicialmente, da obra de Roland Barthes, passando pelo Ulisses de Joyce e o ABC de Ezra Pound, a Antônio Cândido e à obra completa de Drummond; e, mais adiante, discos com música clássica, dodecafônica, serial, minimalista, aos filmes de arte dos grandes diretores, sob o crivo de leitura e interpretação nas oficinas de conceitos e de operadores de leitura com minhas alunas, futuras “professorinhas”.

Implodir a compulsão pelo significado e/ou por seguir a lógica de “o que o autor quis dizer” que atravessava os manuais de periodização da literatura brasileira, base da referência bibliográfica do currículo dos cursos de Letras numa Faculdade de Formação de Professores, em cidades do interior da Bahia, era, além de restituir a possibilidade de as estudantes (dificilmente havia um sujeito de sexo masculino) acessar novos objetos

Faculdade de Professores de Alagoinhas, FFPA, em 1990, e dada a concentração de estudos de literatura para a sala de aula, e de forma mais facilitada, era usual ouvir de professores mais experientes frases como essa: “essas professorinhas não precisam saber o que é tensão dissonante num poema, professor”. Assim, e por minha crença a contrapelo, só me restava persistir.

de leitura e trabalho científico, também o direito de experimentar a produção de novos sentidos fora dos manuais e prescrições de livros didáticos.

Não é exagero constatar que essas atividades experimentais não só suspendiam, por alguns instantes, a lógica da reprodução de que é vítima, ainda hoje, o ensino, desprovido da pesquisa concernente ao local, como uma dobra do global, mas inserir filosofia no meio da periodização de escolas literárias; promover recitais da poética brasileira, de Anchieta a Mário Quintana, poesia concreta e “poetas da praça”, levando ao limite a performance e a enunciação das futuras “professorinhas”; implodir a relação palavra-e-coisa, em oficinas de leitura de poemas metalinguísticos de um Drummond de Andrade, fazendo ranger os sons, sílabas e palavras, para se entender a “tensão dissonante no poema”, tudo isso era como que uma instalação de ritos de passagem para se ouvir a “balbúrdia” dos indígenas na “Primeira Missa”, da obra de Villa Lobos; para sentir o pulsar das próprias artérias, escutando John Cage; ou dramatizar a própria loucura assistindo, com anotações para os exames de literatura brasileira, filmes como *The Wall* de Allan Parker, a obra de Glauber Rocha, de Luis Buñuel, de Ingmar Bergman, tudo isso em aulas de literatura brasileira não só suspendiam o campo literário do velho currículo, remanescente da licenciatura curta dos anos de 1970 e seus tempos difíceis, mas inseriam as “professorinhas” no deserto dos signos, exigindo para suas travessias a leitura de um Heidegger, Michel Foucault e a *Utopia antropofágica* de Oswald de Andrade, e sua promessa de revolução caraíba em direção ao Matriarcado de Pindorama.

Um dos principais efeitos desse corte nos conteúdos programáticos das disciplinas de Literatura Brasileira, entre 1990 e 2000, abrindo o signo literário e a cultura para outras relações intersemióticas, sob o crivo, ainda que experimental de uma epistemologia contemporânea e híbrida, foi, além de (de)formar as “professorinhas” com novas ferramentas para o trabalho com a linguagem no Ensino Médio, facultar, a muitas dessas que seriam “meras professorinhas”, a competirem em concursos para docentes do Ensino Superior em Universidades Públicas, muitas das quais

hoje minhas colegas de Departamento ou de outros intercâmbios científicos Brasil a fora. O mais incrível é que muitos dos planos de estudos realizados nesses processos de experimentação, a exemplo de o indígena na literatura brasileira, o modernismo em Mário de Andrade e Oswald de Andrade, entre outros, foram tópicos de concursos públicos, decisivos na mudança de alguns destinos.

As lições que ficam subjacentes a esse tópico são: a) nenhum trabalho criativo, por parte de professores e seus alunos, pode prescindir do entendimento de como funciona o significante de uma dada linguagem, seja ela a oralidade, o teatro, o cinema, a música, os quadrinhos, os romances cor de rosa, a alta literatura, o discurso político, o discurso religioso, entres outros⁵. Negar aos professores em formação o acesso ao modo de funcionamento do signo poético, isto é, seu significante, suas tensões verbais, o esvaziamento permanente da fixação de um significado a favor da flutuação dos sentidos, é uma forma de despejo linguístico, operado no interior da sala de aula, interditando, por esse gesto, que os professores em formação dramatizem o “si”, como sujeitos cognoscentes, na difícil relação com o saber disciplinar e militar que engendra o poder permanente de silenciar, censurar, desqualificar, desviar, interditar, criminalizar ou mesmo aniquilar, instituídos no sistema escolar, como uma espécie de campo de concentração.

Dramatizar o “si” desse sujeito cognoscente em formação, nessa relação tensa entre saber e poder reacionários, em que o “si” do sujeito que forma, ou põe em jogo processos formativos, pode estar investido de um saber e poder autoritários, deve necessariamente passar por uma oficina de desmanches, nesse espaço da sala de aula ou da situação pedagógica, para que seja possível fazer emergir, articulado ao “si” que se põe a conhecer, várias cenas combinatórias, em que o saber e poder, antes reacionários, possam ser esvaziados e mudar de posição; b) nenhuma pesquisa no âmbito escolar, da pré-escola ao pós-doutorado,

⁵ A propósito, ver o DELEUZE, Gilles. “O ato de criação”, 1999. Além de se tematizar as diferentes séries intersemióticas, seus significantes, problematiza-se, também, o que é ter uma ideia, nesse ou naquele domínio e quais os seus modos de expressão.

pode prescindir dessa problematização do si em sua relação com o saber e o poder, como uma primeira condição, para que os despejados de sua língua, cultura, território e identidades, tomem consciência de seu lugar na história, se organizem em coletivos e construam mapas e roteiros de sublevação e de tomadas de poder.

OBJETO DE PESQUISA PARA SE PACIFICAR AS FERIDAS

Se conforma Giorgio Agamben, em *O que restou de Auschwitz* (2008) as experimentações nazistas não consistiram apenas em esvaziar a potência do corpo, do pensamento e da linguagem de milhões de artistas e intelectuais judeus, antes de levá-los às câmaras de gás, mas em projetar esse laboratório para o futuro, então, ao que parece, o seu funcionamento está na ordem do dia e nas mais diferentes formas, entre elas, as que atravessam o sistema intelectual em países da periferia do capitalismo tardio.

Contemporâneo a esse tempo de experimentação e projeção da barbárie permanente, entre 1920 e meados de 1950, a principal recusa a essas tarefas intelectuais no sistema intelectual brasileiro, é colocada em movimento pela obra estética, política e intelectual de Oswald de Andrade, que em livros insurgentes como *Poesia Pau Brasil* (1925), *Memórias sentimentais de João Miramar* (1924), *Serafim Ponte Grande* (1933), *A Crise da Filosofia Messiânica* (1950), como utopia antropofágica, além de devassar os arquivos coloniais, e selecionar a potência guerreira de negros e indígenas para uma teoria antropofágica da cultura brasileira, propõe ainda roteiros para se combater o simbolismo da repressão e da barbárie, o esvaziamento da metafísica ocidental (NUNES, 1979; 1990), além de oferecer caixas de ferramentas para se colocar em movimento a revolução política caraíba, isto é, o retorno em diferença do matriarcado de pindorama, ou seja, da sociedade contra e sem o estado, sem classes sociais, distribuída em miríades de homens, mulheres e crianças livres, na forma de cooperativas, associações, tribos, aldeias, quilombolas, comunas.

As conexões desse trabalho antissistêmico oswaldiano com o trabalho de Glauber Rocha, Caetano Veloso e João Ubaldo Ribeiro, a partir de 1960, vão implicar na construção de um roteiro intelectual que dramatiza de forma bastante radical o “eu” que atravessa o ser colonizado; as formas de representação consumidas e/ou produzidas no circuito cultural da periferia do mundo em confronto com as do centro do capitalismo em tempos de guerra fria entre os EUA e URSS; e os modos de circulação dessas representações.

Em filmes como *Deus e o Diabo na Terra do Sol* (1964), *Terra em Transe* (1967), *Cabeças Cortadas* (1970), entre outros, até *Idade da Terra* (1980) o ser colonizado é levado ao limite de sua estrutura subjetiva, expondo suas feridas, suas dores, suas doenças crônicas, além de todos os mecanismos sociais, culturais, econômicos, religiosos, políticos de enredamento e alienação desse ser; e mais: com uma ideia na cabeça e uma câmera na mão, é na fome e na miséria, inclusive a dos meios técnicos, que esse ser colonizado, uma vez esconjurado o saber e o poder reativos que figuram como fantasmas em sua cabeça, pode fazer derivar do lixo e da fragmentação da cultura os signos de uma cultura nova, original e emancipadora

A ideia em cinema da fome, através de Glauber, é doar aos consumidores de signos de cinema hollywoodiano, de novelas da Globo, de imagens coloridas que transbordam das bancas de revistas, entre outros circuitos de imagens produzidas pela máquina capitalista, um modo de expressão desse “si consumidor” dramatizado em sua própria obra, dobrada, dupla, fragmentada em caleidoscópio, para que esse “si consumidor” selecione os “ideonemas”, então metabolizados, para uma nova língua que o permita romper a série e o circuito de metabolismo dessas representações e entrar na história como um sujeito de si e de seu destino.

A ferida do colonizado, como um objeto de pesquisa e produção no cinema glauberiano, não apenas suplementa os recursos teóricos, metodológicos e técnicos do marxismo contemporâneo e sua noção de

materialismo histórico e dialético, mas abre uma outra noção de materialismo, o modal (ESPINOSA, 2007; DELEUZE, 1984), que vai atravessar a obra de Caetano Veloso, cujo conceito chave da obra — jeito de corpo — vai fundamentar sua política da subjetividade para enfrentar o pão e o circo no mundo musical da cultura de massas⁶.

A subjetividade nesse jeito de corpo, da perspectiva do materialismo modal, já tem os antidotos oferecidos pelo cinema da fome, por isso não é afetada, não se entristece ante a tragédia que envolve as três personagens da paixão triste, a saber, o senhor de terras, escravos e servos que reduzem ao limite seus servos e escravos; os escravos e os servos que sofrem ao limite de sua potência de resistir; os observadores dessa condição, envolvendo senhores e escravizados, que também se entristecem e perdem a potência de representar e estabelecer outras condições para a superação desse drama que envolve cultura e barbárie.

A dor que envolve esse jeito de corpo, encarada do ponto de vista do materialismo modal, é não apenas uma espécie de crítica da razão cínica, mas, em certa medida, um modo de expansão da subjetividade, na periferia do capitalismo, pela possibilidade de, através da música, do futebol, do carnaval, da politização do cotidiano e da cotidianização da política, vislumbrar-se uma política cultural e cidadã no país.

O que seria então ter uma ideia na canção de Caetano Veloso, entre o final de 1960 e de início de 1980? Fazer das feridas e da dor um modo de aumentar a potência de criar, e mais: distribuir o biscoito fino, na forma de filosofia e poema, em todos os rincões desse Brasil grande e profundo.

Na linha da estética da fome e escutando os apelos da canção de Caetano Veloso, João Ubaldo Ribeiro, em *Viva o povo brasileiro* (1984), afirma a potência da memória cultural e oferece novas ferramentas para se inventar um povo que falta. O leitor desse livro grande, entre os

⁶ Uma interpretação dessa noção encontra-se na minha tese de doutorado, mencionada acima, *Um banquete antropofágico: táticas de negociação cultural emergentes no Brasil*, 2001, publicada em diversos capítulos de livros e como artigos para periódicos, mas que deve ser publicada, na íntegra, ainda em 2020 numa parceria entre a Fábrica de Letras e o Scielo Books, através da Coleção Pós-Crítica.

grandes, pode se perguntar: o que é ter uma ideia para a revolução brasileira, a partir desse livro, e veremos que além de se dever retomar as cenas das principais lutas e revoltas, em todos períodos da história do Brasil, desde as reduções jesuíticas para aprisionar indígenas, passando pelas lutas da independência da Bahia e do Brasil, Guerra do Paraguai, às lutas anti-imperialistas do período da ditadura militar, acentuando, sempre, o protagonismo do indígena, do negro, dos coletivos organizados, das mulheres, na construção de modos de resistir ao colonialismo, ao imperialismo, mas, principalmente, a necessidade do trabalho político clandestino.

É na cultura do segredo, da não exposição dos enigmas, do trabalho miudinho de mão-em-mão, de toca em toca, que esse povo subalternizado, empobrecido, envenena os barões, enfrenta os militares, como o partido armado do capital e dos senhores de terra e de escravos e, não vê a hora de emergência de novas lideranças como Maria da Fé, para espalhar-se em centenas de “belos montes” por todo Brasil, anulando, com isso, o deslocamento de centenas de tropas para um único lugar, como aconteceu no massacre de Canudos.

Se o que restou de Auschwitz foi a língua, de alguns testemunhos, para se tentar anular e denunciar a continuidade de seus dispositivos; no caso dos despejados da língua, da cultura, da propriedade e do próprio ser, em periferias do capitalismo como o Brasil, restam a vergonha e a indignação para não se naturalizar o extermínio de jovens negros, povos indígenas, mulheres, homossexuais, e irmos além: fazer emergir uma nova língua com o barulho de nossos mortos embalando as canções de guerra contra esses parasitas que estrangulam o povo brasileiro há mais de 500 anos.

EST-ÉTICAS PARRICIDAS

O Núcleo de Estudos da Subalternidade (NUES), criado em janeiro de 2002 no Departamento de Educação do Campus II da UNEB, em Alagoinhas, e constituindo também, uma das linhas de pesquisa intitulada

Literatura, Subalternidade e Micropolítica, do Grupo de Pesquisa Linguagem e Crítica Cultural inscrito no CNPq, através do Diretório 5.0 em 2002, e certificado pela Pró-Reitoria de Pesquisa e Ensino de Pós-Graduação, o NUES teve duas funções cruciais, a saber, provocar e animar a pesquisa e o debate científico no Campus II, na UNEB, e mesmo com pitadas internacionais, entre 2002 e 2008⁷; constituir articulações de outros grupos de pesquisa visando a criação, implantação, funcionamento, consolidação e excelência de programas *stricto sensu* na UNEB.

A partir de abril de 2001, e já com o título de doutor em Letras, área de concentração em Teorias e Críticas da Literatura e da Cultura, pelo Instituto de Letras da UFBA, fui convidado pelo Programa de minha formação a compor o seu quadro de pesquisadores, mas a minha recusa se justificou assim: infelizmente não posso, pois, minha tarefa, de agora em diante, é reinventar a UNEB. E essa reinvenção começou com minha perambulação de sala em sala, nas turmas de Letras do Campus II, em Alagoinhas, divulgando que estavam abertas 3 vagas para a Iniciação

⁷ Durante o meu primeiro pós-doc, entre outubro de 2002 e julho de 2004, na Université Paris 8, Paris – França, e minhas atividades como Leitor ou Professor Visitante no Institute Íbero-Americain da Université Michel de Montaigne, Bordeaux III, em Bordeaux, França, a 600 km de Paris, e como desenvolvimento do Grupo de Pesquisa Linguagem e Crítica Cultural e seu núcleo de animação científica, NUES, coordenei planos de ensino, grupos de estudos, pesquisas bibliográficas e produção bibliográfica e técnica relevantes, a saber, organização e comunicação em/de 2 seminários internacionais, *Multiculturalisme et affirmation de la vie: défis et dilemmes ibéro-américains* (02/04/2003) e *Na(rr)ations Ibériques et ibéro-américaines: corps, politique et migrations* (12/05/2004); apresentação das palestras *Identidade e resistência: culturas e práticas sociais marginalizadas no Brasil* e *Margens da modernidade: uma transvalorização antropofágica*, em 2003, na Universidade de Paris 8; a comunicação *Polissemia do modo de vida ou obra de arte como usurpação*, 2003, in: Encontro Cultura e juventude na Universidade de Lisboa, Portugal; comunicações, com publicação de textos, *L'Alchimie de l'impasse: le corps amoureux et la mémoire tourmentée chez Paulo Coelho*, 2004, in: Industries & arts des corps et de leurs images: corps et pouvoir dans la littérature et la culture brésiliennes, Maison du Brésil, Cité Universitaire, Paris; *Cartografia da produção paraliterária no Brasil* in Colloque sur la Littérature Contemporaine Brésilienne (de 1970 à nos jours), 2004, em Rennes – França; *Marges d'une culture micropolitique à Bahia: Entre la ligne verte, le recôncavo e le portail du sertão*, 2004, in: Seminaires de François Soulages, Maison des Sciences de L'Homme, Paris. I Oficina da imagem multidisciplinar: com François Soulages, julho de 2004, Campus I da UNEB, em Salvador, com mesa de intervenção formada por 5 estudantes do Núcleo de Estudos da Subalternidade.

Científica através do meu novo projeto de pesquisa *Entre a alta literatura e a cultura de massas: uma cartografia das demandas paraliterárias no Brasil* visando a identificar o estado da arte no sistema científico e ao levantamento de dados em cursos de Letras em universidades públicas da Bahia. Ninguém mostrou interesse.

Apenas depois de várias tentativas, finalmente 3 heróis, melhor 5, com os seguintes subprojetos: *Corpo, poética e festa em Alagoinhas de 1968*, por Suzane Lima Costa; *O perfil dos estudos literários em IES públicas da Bahia*, por Antonio Marcelo; *Cena de minorias políticas em Alagoinhas: uma ocupação do MST*, por Kelvo Santos; além de subprojetos para 2 voluntárias: *O lugar da produção de pesquisadores baianos nas dissertações e teses da UFBA, nos estudos literários*, por Márcia Hohenfeld; *Alagoinhas e a trabalhadora doméstica: a mesma domesticação?*, por Ana Rita Santos Gonçalves.

Os procedimentos consistiam em: a) encontros semanais, em que se apresentavam dados parciais de pesquisa e leitura coletiva de um texto previamente definido; b) a cada três meses, um seminário público com 2 turnos em que esses pesquisadores discentes, além da apresentação de *papers* tratando de cenas da pesquisa em andamento, ajudavam a organizar o evento de ponta a ponta desde a preparação de folders, sua divulgação em murais e de mão em mão, ao convite pessoal aos professores para apresentarem alguma coisa sobre suas atividades pedagógicas e de sala de aula ou de algum projeto de extensão, pois, em geral, ninguém pesquisava, exceto alguns, que depois da dissertação ou tese não tinham interesse ou não acreditavam que fosse possível haver pesquisa fora dos centros habituais e onde se capacitaram. Nesse contexto, estudantes com bolsas de pesquisa e apresentando resultados de trabalhos antes da institucionalização do TCC (Trabalho de Conclusão de Curso) eram considerados seres absolutamente estranhos não apenas por seus pares, mas por seus professores e gestores. Imaginem, então, o impacto da apresentação do produto final, com um deles, Antônio Marcelo, ganhando o prêmio PIBIC, na Jornada Científica em Salvador.

Enquanto isso, e entre 2001 e 2002, coordenava reuniões semanais em Salvador, voluntariamente e numa salinha da Pró-Reitoria de Pesquisa e Ensino de Pós-Graduação, com os primeiros doutores da nossa área, além de vários doutorandos, culminando, depois de mais de 30 reuniões, num seminário intitulado *Programa de Pós-Graduação em Letras: alinhamento de projeto e discussão e debates sobre linhas de pesquisa*. Nesse seminário referendamos, um pouco, o esboço do programa que teria o nome Estudos da Linguagem, com três linhas de pesquisa, a saber, Margens da Literatura; Discurso e Sociedade; Minorias e Resistência⁸.

Como naquele momento, constatamos que tínhamos poucas condições para se ter o mínimo de 12 pesquisadores produtivos; não havia infraestrutura de pesquisa, nem biblioteca especializada, sequer havia um curso de Letras no Campus I de Salvador; além de não haver

⁸ Em agosto de 2002, um mês antes de embarcar para a França, redigi um relatório intitulado Relatório minimal do Projeto de Programa de Pós-Graduação em Letras Contemporâneas, demarcando o período de 13/06/2001 a 07/08/2002, com súmula das atividades realizadas, a saber: 30 reuniões nas quais se discutiu e propôs linhas de pesquisa, disciplinas, modos de funcionamento do programa, estratégias de intercâmbio local, nacional, internacional, problemáticas internas, critérios de produção etc.; I seminário de pesquisa envolvendo mais de 70 professores da UNEB, na área de Letras; Consultoria com a Profª Drª Beth Brait (USP); Inserção de Letras (Centro de Documentação e Laboratório) no CT- Infra (FINEP); Inscrição de mais 02 grupos de pesquisa (Lingua(gem) e Crítica Cultural e Fala e Contexto) no Diretório 5.0 do CNPQ; Elaboração de uma proposta de PQI com a Universidade Federal de Pernambuco; Inscrição de pesquisadores do Programa (em elaboração) em PICIN, PIBIC, PROFIC; Apresentação do simpósio (Literatura, mediações culturais e subalteridade fora do eixo “Bahia com H”) no VIII Congresso da ABRALIC – BH; Levantamento e/ou estímulo da publicação – pesquisadores e discentes autores – em anais de congressos, livros, suplementos etc; Participação de membros da comissão na implantação do curso de Letras no Campus I, Salvador; Preparação de painéis para o III Seminário de pesquisa Docente da UNEB – Linhas de pesquisa interdepartamentais: interfaces e contextos; Inscrição do Projeto *Entre a alta literatura e a cultura de massa: uma cartografia das demandas paraliterárias no Brasil*, em nível de pós-doutorado, no Programa Teorias e Práticas do Sentido da Paris 8 (tal projeto visa levantar uma bibliografia específica e construir um banco de dados sobre paraliteratura para a Linha de pesquisa Literatura e Outras Séries Culturais do nosso programa em elaboração); Aquisição de 1.000 títulos na área de letras e ciências humanas; 12 teses (livros) na mão de um editor; 50% dos dados do projeto já lançados no Formulário da CAPES (SNPG). E como principais resultados: uma consciência mais apurada da nossa deficiência, administrativa e/ou acadêmica, e uma certa mobilização, mais acadêmica, com vista a uma cultura da pesquisa entre nós; a fixação de uma certa referência epistemológica para se continuar o debate em torno de um programa de pós-graduação em Letras Contemporâneas, na UNEB.

pesquisadores discentes, em Letras, exceto os primeiros de Alagoinhas, então decidi: a) eu iria como leitor ou professor visitante por 2 anos na Université Michel Montaigne, Bordeaux, França, além de realizar meu primeiro estágio pós-doutoral na Université Paris 8, também por 2 anos, e com duas supervisões, a primeira, sob supervisão da pesquisadora brasileira Rita Olivieri Godet; a segunda, sob o filósofo das artes François Soulages; b) em meu lugar, para continuar os trabalhos de construção de um programa, ficou uma comissão coordenada por Márcia Rios da Silva, doutoranda à época, e lotada no Campus II de Alagoinhas. Aliás, do núcleo de referência que pensava o projeto de programa, 80% deles eram lotados em Alagoinhas que, entre meus dois anos de estadia na França, vieram pra Salvador, criaram um curso de Letras e, creio que em 2006, aprovaram o primeiro programa da área o Estudos de Linguagem. No envio da proposta, eu participava de um comando de greve, difícil, e não pude responder a algumas demandas da comissão e daí, creio, meu nome não ter sido incluído no corpo docente.

Retornando da minha rica experiência acadêmica na França, em junho de 2004, e depois de 20 meses, o trabalho com a iniciação científica em Alagoinhas continua, agora, a todo vapor e a partir de um novo projeto de pesquisa *Margens de uma cultura micropolítica na Bahia: entre a linha verde, o recôncavo e o portal do sertão* visando a investigação sobre discursos desprestigiados academicamente, tais como em folhetos evangélicos, autoajuda, atas, regimentos de associações de moradores, entre outros, esperando como resultados uma mapa das práticas minoritárias e dos contextos de construção das subjetividades aí implicadas. Entre 2004 e 2008, além de 29 projetos de pesquisa tematizando linguagem e escrita de prisioneiros, de escritores locais, de donas de casa, passando pela investigação sobre leituras, leitoras e sistema discursivo envolvendo textos de autoajuda, até as políticas culturais e à institucionalização da malha cultural no território 18 (Agreste de Alagoinhas e Litoral Norte), entre outros territórios de identidade da Bahia e do Brasil, realizou-se, ainda, através do NUES, estudos sistemáticos da obra, seguida de comentadores, de Karl Marx, Gilles

Deleuze, Lênin, Trotsky, culminando na organização de seminários e fóruns microrregionais⁹ de forte impacto não apenas na leitura, pesquisa, ensino e extensão de todo o Campus II, mas no âmbito das escolas e colégios públicos, bem como no âmbito dos equipamentos de cultura, bibliotecas comunitárias, escolares, centros de cultura e de memórias.

Essa nova paisagem de pesquisa, aparentemente estranha ao campo linguístico-literário, nos permitiu vislumbrar e ocupar, na UNEB, em especial no Campus II, em Alagoinhas, outros territórios epistemológicos, a saber, imaginar o que seria da literatura e dos escritores se a sua frente se puser uma legião de analfabetos (o Brasil tem mais analfabetos de que toda a população de Portugal); se os leitores contemporâneos, no sistema literário brasileiro (autor, obra e público)¹⁰

⁹ Realizou-se nos dias 14,15, 16 e 17/12/2006 o I Fórum de Cultura Microrregional, com o tema *Criatividade Popular e Transformação Social*, e nos moldes do Fórum Social Mundial, que projetava o Brasil, no mundo, contra o pensamento único neoliberal e criava as possibilidades de um outro mundo possível. Esse fórum microrregional foi organizado através dos pesquisadores docentes (02) e discentes do NUES (15) do NUES, que entre os dias 10 e 23 de setembro de 2006, foram a 10 cidades do entorno de Alagoinhas conversar com artistas, educadores e ativistas locais (geralmente de 30 a 50 em cada uma dessas 10 cidades) começando por uma interpelação nossa, do tipo, considerando que a universidade está anulada em sua potência, queremos aqui, com vocês, planejar uma ocupação dessa universidade e reinventá-la. O que vocês acham? O que é cultura? O que é identidade? O que é revolução? E o debate, e as respostas a essas perguntas não deviam nada às nossas principais referências. Depois de cada roda de conversa, nesse teor, aquele grupo local passava a ser um comitê de mobilização local e núcleo de inscrição de propostas, mediada pelos estudantes do NUES. Ao final foram 208 propostas de mesas, apresentações artísticas, performances, instalações, em todos os segmentos, espalhadas em todas as salas e por 50 toldos no Campus II/UNEB – Alagoinhas. 800 a 1.000 pessoas de cultura e acadêmicos ativistas passaram pelo Campus todos os dias desse fórum, cujos principais resultados foram: a) que o conceito de paraliteratura nos permitiu um diálogo mais amplo com todos os segmentos da cultura, mais do que o de literatura permitiria; b) que os saberes comunitários e microrregionais são uma fonte inesgotável e inexplorada de signos, talentos e iluminações, decisivas, para um programa de crítica cultural; c) projetou, coletivamente, o projeto de Programa de Crítica Cultural para além de seus muros e chegou até a nova Secretaria Estadual de Cultura, pós-vitória sobre o carlismo na Bahia, que adotou nossa metodologia de construção do fórum criando a figura do mediador cultural ou territorial; d) o encontro das linhas gerais de pesquisa, ensino e extensão para irmos além de um projeto de programa de pós-graduação *stricto sensu*, e, efetivamente propor e aprová-lo no APCN/Capes de 2008.

¹⁰ Para uma ideia precisa sobre a formação da literatura brasileira, da perspectiva de uma noção de sistema literário, estudar essa obra de Antônio Cândido, *Formação da literatura brasileira*:

não lêem mais os grandes autores, mas textos de autoajuda, com extrair dessa leitura um mapa do ato simbólico, do antagonismo de classe e da ideologia da forma (JAMESON, 1992); se o direito à literatura foi excluído do sistema cultural, como fazê-lo emergir num contexto de debates e institucionalização da malha cultural no Brasil; se houve um despejo linguístico de nações indígenas, de comunidades quilombolas e, em certa medida, de todas as comunidades silenciadas pelo imperativo da norma culta, como restituir à diversidade linguística na escola e no movimento pelo bilinguismo entre aldeias e nações indígenas e comunidades quilombolas; se o que é produzido na universidade, principalmente nos Programas de Pós-Graduação, em todas as áreas, mas tragicamente na área de Letras e de Ciências Humanas, não se comunica com esses despejados, então, como organizar num programa de crítica da cultura, situado no campo linguístico-literário, um trabalho epistemológico de transmissibilidade entre universidade e escola, entre universidade e equipamentos de cultura; e mais: se podemos, num congresso da ANPOLL (Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística) convocado exclusivamente para esse fim, ampliar, diversificar e combinar o perfil do seu associado, mantendo programas e GTs, e criando o associado comunitário para se acolher os profissionais em formação em Letras e professores da área de Linguagem, da rede pública, não já passou da hora de se espalhar sessões estaduais da ANPOLL em todos os estados do Brasil para se fomentar e produzir uma política de conhecimento orgânica, nessa grande área?

Esse gesto parricida, isto é, de suspender o regime epistemológico dos programas de nossa formação, é decisivo não apenas para a emergência de uma outra mentalidade, agora mais próxima dos despejados de sua língua, cultura, território e moradas do ser, mas para, com esses despejados, reconstruir, reconquistar novos territórios

momentos decisivos, 2 vols. A força dessa obra é além de nos engajar a favor do direito à literatura, nos estimular a ver, também, o resto, o que se situa à margem do sistema e, com novas ferramentas e modos de abordagem, enfrentá-lo (esse resto) como lugar teórico, também decisivo.

linguísticos, culturais, e de demarcação, reforma e revolução agrária, a favor da revolução brasileira e caraíba.

A CONDIÇÃO (G)LOCAL

Numa manhã cinzenta de início de outubro de 2002, em Bordeaux — França, chego com minha saudosa amiga e colega Magdaleine Ribeiro, à sala de aula do Instituto Ibero-americano para ministrar a minha primeira aula de Português, norma brasileira, como leitor ou professor visitante da Université Michel de Montaigne, a terceira maior universidade pública da França.

Como meu planejamento de viagem para a França, se deu em menos de 2 meses, sequer tive tempo de repassar minhas noções de francês instrumental, por isso, cheia de generosidade, minha amiga, que também era professora nesse Institute, me pergunta, antes de abirmos a porta da sala, já cheia de alunos (mais de 50) de todos os lugares do mundo, se eu desejava ser apresentado à turma; agradeço-lhe e digo que não, abro a porta, subo ao tablado do professor e em vez de *bonjour* digo: bom dia, escrevo meu nome no quadro, soletrando suas letras, reunindo e enunciando suas sílabas, depois, com o nome da minha cidade e país, solicito, gentil e alegremente, que os estudantes me acompanhassem.

Foi uma pequena festa, inicial. Como ninguém tinha a menor noção de língua portuguesa (eram estudantes de país europeus, não ibéricos, da Ásia, da África não-lusófona), resolvi usar as técnicas a mim ensinadas por minha mãe: soletramento de A à Z, depois a constituição de sílabas e, por fim, formação de grupos de 2 em 2, com exercício de um pequeno diálogo, a saber, meu nome é fulano (a), venho de tal lugar e quero aprender língua portuguesa para conhecer o Brasil. Ao final dessa segunda cena, além da balbúrdia com sons de letras e nomes em língua portuguesa, a impressão era a de que todos já fossem falantes ou já estivessem a um passo de sê-los.

Dessa primeira aula em diante, produzir conhecimento através de outras disciplinas como português avançado, literatura brasileira, texto poético, civilização brasileira, fundamentos de economia brasileira, durante 2 anos universitários (outubro de 2002 a junho de 2004), sempre com 8 horas semanais, era para mim, e minhas turmas, já com algum domínio de língua portuguesa e eu já com algum domínio de língua francesa, uma forma de afirmar a potência do Brasil, em estado de graça com a eleição de Lula da Silva, e mostrar ao mundo que o Brasil, além de ciência política, tinha também um pensamento cultural que ia além do samba, do futebol, do carnaval e dos lindos bumbuns de louras e mulatas, isto é, poderíamos dispor de caixas de ferramentas do pensamento antropofágico, capaz de construir, afirmar e proliferar um universal, em diferença, com força para reeducar a Europa.

E já levava na mochila meu primeiro livro-antídoto *Folhas venenosas do discurso: um diálogo entre Oswald de Andrade e João Ubaldo* que, entre o deslumbramento provinciano diante da beleza estonteante de Paris e o silenciamento do meu localismo ingênuo, me permitia ler, da *Place de Clichy*, do 17 *arrondissement*, não apenas o Brasil, como o fizera a Oswald de Andrade, mas a ler Paris, também a contrapelo, como um testemunho da barbárie ocidental.

Foi com esse espírito livre que por quase 2 anos de intensa vida acadêmica e cultural, entre Bordeaux e Paris, fiz do local um lugar teórico, rizomático e existencial para se explorar questões e problemas relevantes para a criação de um Programa de Pós-Graduação em Letras no Campus II da UNEB, em Alagoinhas, a saber:

- a) continuar, mesmo à distância, a orientação e realização dos seminários do Núcleo de Estudos da Subalternidade (NUES) em Alagoinhas; em Bordeaux, além das aulas de língua, literatura e civilização brasileiras, criei uma sessão internacional do NUES, através do grupo de estudos sobre multiculturalismo íbero-americano; e na Université Paris 8, palestras e comunicações

através de vários seminários organizados pelos meus supervisores de pós-doutoramento;

- b) adotar a língua francesa como instrumento não apenas de comunicação na vida cotidiana e também com meus colegas de curso de Francês para Estrangeiros, através dos quais realizamos encontros acadêmicos e étlicos sobre os nossos mundos culturais, mas, principalmente, para exercitar a imaginação, os raciocínios e exercícios mentais por um aprendizado ativo de uma língua nova;
- c) demarcar um lugar de provocação política a meus colegas professores da UNEB, principalmente os associados ao nosso sindicato de professores, Aduneb, a fim de pensarmos uma outra UNEB possível.

Os resultados desse dois anos de experimentação local/global ou gllocal, sumariamente, seriam: a) tornar visível ou a constituição de uma visibilidade aos colegas da UNEB que estavam próximos dos estudantes em Alagoinhas ou de qualquer outro Campus, e que já tinham condições de colocar em movimento um projeto de pesquisa com bolsistas ou voluntários, que, mesmo bem distante e em outro país, e através de meios de comunicação ainda bem precários, era possível tocar uma vida acadêmica orgânica, forte, e com resultados expressivos. Os estudantes do NUES, em Alagoinhas, continuavam os seminários, além de apresentações de painéis em jornadas científicas; b) reunir a maioria de meus colegas leitores(as) do Instituto Íbero-americano, e seus cursos de Letras com Português, norma brasileira e norma de Portugal; Letras com Espanhol, norma espanhola europeia e norma espanhola de todos os país da América Latina; Letras com Basco, isto é, um agenciamento de pesquisadores estrangeiros, e montar um grupo de estudos sobre subalternidade, multiculturalismo e política íbero-americana. A maioria deles faziam doutorado ou pós-doutorado e habitavam na *Maison Internationale*, no centro de Bordeaux, também meu local de morada e de agitação.

Semanalmente, e nas tardes inteiras de sábado, sob o vinho de Bordeaux, estudávamos grandes autores de nossos países, a exemplo de Oswald de Andrade, Lobo Antunes, Ricardo Piglia, entre outros autores espanhóis, colombianos, cubanos, e depois de 6 meses de estudos, na universidade e para desassossego dos diretores, apresentávamos seminários de um dia completo (journée) para a nossa de massa leitores ou “professores visitantes”, com forte presença de nossos alunos.

Assim, a maioria dos leitores e/ou a maioria dos professores visitantes, que ao longo da história daquele instituto sempre se sentiam esmagados diante da autoridade dos catedráticos franceses, ainda presos ao estruturalismo e ministrando aulas e cursos sob o silêncio de seus alunos, passamos a respirar e assumirmos um espaço de transgressão e de expressão política, cujos efeitos, no meu caso, foi além de apresentar escritores e artistas fortes do Brasil, a exemplo de Oswald de Andrade, Glauber, entre outros, apresentar, também, os próprios filósofos franceses rejeitados ou desconhecidos naquele instituto.

Foi surpreendente que no curso *Texte Poétique: poesia e pensamento*, ao estudarmos Oswald de Andrade e Nietzsche, de um ponto de vista pós-estruturalista, com performances pelos corredores encenando os animais nietzscheanos, isso venha, metodologicamente, assustar a comunidade acadêmica como a estimular estranhas lembranças, como a de que Nietzsche teria apoiado os nazistas e de que não era recomendado pelos professores franceses no Liceu e nem mesmo na universidade.

Na Universidade Paris 8, sobre os cartazes da minha primeira palestra intitulada *Margens da modernidade: uma transvaloração antropofágica*, notava-se pichações ao termo “antropofágica”, indicando, com isso, certo incômodo de receptor(as) mas que a mim não me surpreendia, nem me abalava. Aliás, foi nessa universidade que pude ver e ouvir de perto os cursos de Gilles Deleuze, na Vincennes, revolucionária de final de 1960; cursos de Foucault no *Collège de France*; murais repletos de solidariedade e rebeldia a/de árabes, africanos, asiáticos e latino-

americanos. E com isso me sentir em casa, no Brasil, como em nossas greves de professores; como nos tempos de casa de estudantes, em que se discutia política, religião, filosofia, literatura, anarquismo, marxismo, durante todas as horas do dia, manhã, tarde, noite, varando as madrugadas.

Parte desse minha desenvoltura e performance, no tratamento dessa relação local/global na e a partir da França, se deveu, em parte, à minha apropriação do francês não como uma segunda língua, mas como uma língua da rebeldia política e da reversão nos processos de subjetivação, daí me dedicar, inicialmente, horas a fio, a escutar suas sílabas nas conversações, a repetir e a cenarizar mentalmente suas regras gramaticais e flexões verbais, em todos os tempos e modos, estudar e discutir, em francês, o livro *Logique du sensu* de Gilles Deleuze, com um grupo de alunas interessadas em filosofia, planejar as linhas gerais de minhas palestras em Paris, ao longo das viagens de TGV, que duravam em geral 2 horas, a perscrutar os arquivos, em busca de estudos e centros de pesquisa sobre *paralittérature*, na excelente biblioteca da Université Bordeaux 3 ou na Bibliothèque Nationale François Mitterand, a tomar essa língua como referência seja para ouvir a babel de outras línguas em metrô, museus e em multidões, em atos públicos, seja para organizar uma festa com meus, minhas colegas do Curso de Francês para Estrangeiros, em que depois do vinho de Bordeaux, cada uma das 15 ou 20 pessoas recitava um poema de seu poeta nacional predileto, a começar por canto tribal de um país africano, depois em alemão, em sânscrito, em inglês, árabe, em espanhol mexicano, argentino, cubano, tcheco e, claro, alguns poemas de Drummond e Mário Quintana. Essa relação com a língua francesa me deu régua e compasso para meus usos do inglês, língua para a qual nunca tive tempo e muito interesse em fluência, bem como para minhas tentativas de estudar e aprender mandarim ou tupi, algum tempo depois dessas experiências com o francês.

Meu retorno a língua portuguesa, na França, para ativar o local, se dava em situações como estudar poetas, escritores e artistas brasileiros em grupo de estudo, ouvir cantos de capoeira em suas rodas espalhadas

pela França, falar com a minha amada no Brasil, todos os dias, orientar pesquisas e organizar seminários do NUES e agitar o debate político por uma UNEB possível com meus colegas da UNEB. Sobre esse último ponto, lembro-me de uma greve difícil de 2003, em que nossos(as) bravos(as) guerreiros(as) do sindicato resolvem enfrentar o governo carlista da Bahia, isoladamente, sem apoio dos sindicalistas das outras três universidades estaduais e, nessas condições, ao mesmo tempo com muita crítica e algum apoio da categoria.

Mesmo de longe, tinham todo o meu apoio e, porque não dizer, minha intensa participação a ponto de termos criado uma lista de debates em movimento intitulada *as margens versus o front*, cujo maior impacto numa assembleia tensa, em que todos estavam com “faca entre os dentes”, foi a leitura feita por um dos colegas do *front* de um dos meus textos em que argumentava que “se os professores da educação básica estão recebendo proventos muito maiores do que os professores, com a mesma titulação, na universidade, então era lógico, nesses tempos de anomalia político-científica, se propor uma transferência, juridicamente correta, de professores sem mestrado nem doutorado para a educação básica e vice-versa. E que era um absurdo uma instituição que se quer universidade não ter uma política de capacitação para esses mais de 70% de seu corpo docente, apenas com graduação ou especialização lato sensu”.

Nem preciso dizer que viver na França, durante esse período que durou a greve, com mais de 100 dias, era como estar num campo de batalha, em Salvador, e pelos campi da UNEB, sendo vaiado, xingado e ao mesmo tempo aplaudido, elogiado. Um ano depois, quando retornei da França, um dos colegas agitadores me confessa: “seu texto foi como uma bomba naquela assembleia. O pior é que a maioria encarava seu gesto como o de *un bon vivant*, um sujeito que perdeu suas referências, querendo debater uma realidade perambulando pelo *Quartier Latin*”.

A verdade é que aprendi muito, durante essa greve, mesmo de longe, a ponto de conjugar a uma pesquisa sobre *paralittérature*, eixo de

consumo simbólico na periferia do capitalismo tardio, a necessidade de se discutir, também, as instituições que formam, conformam e proliferam esse tipo de representação. A exemplo da Comuna de Paris, em que um dos responsáveis pelo decreto sobre a arte francesa, da segunda metade do século XIX, redigir um manifesto defendendo ser insuficiente uma revolução simbólica e nos procedimentos no fazer artístico, mas a necessidade *sine qua non* de uma revolução também na infraestrutura e nos modos de gestão do trabalho artístico (COURBET, 2009). Mas, se isso vale também para o fazer científico, creio que essas provocações tenham contribuído, muito, para a UNEB e nossa associação sindical, ADUNEB, haja vista a nova política de capacitação docente emergente a partir de 2003.

Assim, a condição (g)local pode ser determinada e colocada em perspectiva não apenas através do que o subalterno consome de universal no seu local, mesmo com forte capacidade de reversão dos signos que compõem esse universal, mas, perambulando pelo global, recortar algo e definir uma perspectiva que o faça descobrir, no local, outras dimensões e paisagens que, ao mesmo tempo, o potencialize para redimensionar, anular dispositivos do global em sua potência reacionária de anular ou de prescrever como deva ser suas dobras locais.

É com essa perspectiva que o conceito de *paralittérature*, na pesquisa realizada em meus primeiros estágios pós-doutorais na França, entre 2002 e 2004, implica uma economia epistemológica de longo alcance, a saber, o consumo cultural ou literário de massa, na periferia do capitalismo, se por um lado aniquila o direito de analfabetos e subalfabetizados de acessarem as obras do alto modernismo e clássicos em geral, por outro lado, esse consumo expõe um campo de produção simbólica ainda pouco explorado, devido ao preconceito e ao confinamento epistemológico do sistema científico e intelectual; os objetos de pesquisa, da iniciação científica, em processos e projetos de pesquisa experimentais visando à construção de programas *stricto sensu* na área de Letras numa universidade sem tradição de pesquisa, até a implantação de um Programa de Crítica Cultural, em seu nível de

formação em curso de mestrado, apresentam uma noção de língua e de literatura absolutamente originais para se compor linhas de pesquisa como as que apresentamos no APCN, de 2008, *Margens da Literatura; Letramento, Identidades e Formação de Professores; Narrativas, Testemunhos e Modos de Vida*.

Entre 2009 e 2015, considerando este último ano o em que ajustamos as três linhas em duas, *Literatura, Produção Cultural e Modos de Vida; Letramento, Identidades e Formação de Educadores*, as primeiras 80 dissertações defendidas no Programa de Crítica Cultural, tiveram com objetos essa língua e essa literatura, das margens, isto é, a mediação dos pesquisadores docentes e discentes adotou, e de forma orgânica, uma multiplicidade de procedimentos, fez a língua e a literatura sair do campo e entrar em campo para que os novos sujeitos de direito mostrassem os seus rostos. Essa rostidade emergente, de leitores, estudantes, artistas, educadores, gestores, escritores, quilombolas, indígenas, rezadeiras, pescadores, *rappers*, *webdesigners* se ainda não é uma rostidade cosmopolita, se ainda implica em traços e expressões de quem carrega o peso de uma língua que o obriga a dizer e de uma literatura que mais o consola do que o provoca, resta a nossa insistência em construir e mediar uma lógica *communard* (SANTOS, 2016; BRECHT, 2001; TROTSKI, 2007; DUMONT, op. cit.; LÊNIN, 2005) para não apenas continuar problematizando e suspendendo o sistema intelectual da periferia do capitalismo, mas, principalmente, reinventar essa língua e essa literatura como máquina de guerra a favor da distribuição da riqueza material e simbólica e, como consequência, a conquista de nossa cidadania cultural.

LÓGICA COMMUNARD

Afinal, qual o perfil de um(a) doutor(a) em crítica cultural, tendo sua formação no Programa de Crítica Cultural do Departamento de Linguística, Literatura e Artes do Campus II da UNEB, em Alagoinhas?

Para uma resposta possível a essa questão deve-se antes levantar algumas condições, agenciamentos e provocações, a saber: no Brasil, país

em que sua universidade mais antiga não completou 100 anos (a USP é de 1934; a Universidade de São Marcos, em Lima, no Peru é de 12/05/1551 e a Sorbonne, na França, é de 1257) o número de doutores por 100 mil habitantes é atualmente de 7,6, enquanto nos EUA é 20,6, na Alemanha é 34,4, em Portugal 39,7 e Eslovênia 56,6; o PNPD (Plano Nacional de Pós-Graduação 2011-2020) que projetava acompanhar a Coréia do Sul que, em 2010, dispunha de 8/100 mil, em certa medida o Brasil se aproxima da meta, mas, além da Coréia do Sul, em 2020, ter duplicado esse número, os doutores formados no Brasil, nesse período, em certa medida, são subacolhidos ou fizeram pouca ou nenhuma diferença em seu local de trabalho;

no espírito do sujeito colonizado, aprisionado por um sistema intelectual atravessado por forte complexo de inferioridade vira-lata, e baixa autoestima, é preciso uma superdose de rebeldia e de indignação para que esse sujeito não se transforme em um novo capitão do mato com um diploma de doutor(a) em uma das mãos e um chicote na outra, trabalhando, como sempre, para os senhores de escravos, de terras e de servos;

no manual de sobrevivência dos(as) doutores(as) em Crítica Cultural, além de uma caixa de ferramentas para se desativarem, permanentemente, os principais dispositivos desse sistema intelectual de sua formação, em todos os níveis, devem, ainda, dispor, de antídotos contra a sua própria coisificação ou animal de presa contra o trabalho político, comunitário e solidário.

Se todos os doutores(as) formados no Brasil, nos últimos 30 anos, a partir da queda do Muro de Berlim e do desmanche da URSS, compusessem a fração progressista e revolucionária da classe média no Brasil e, ao longo dessas três décadas, atuassem em todos os setores de produção da riqueza material e simbólica do país, visando ao seu desenvolvimento científico, tecnológico, educacional, cultural, político, e com efetivo apoio das agências de fomento em todos os estados da federação, não há dúvida de que teríamos uma reviravolta, completa,

quando à abertura de novos problemas científicos do ponto de vista de todas as 9 grande áreas do CNPq/CAPES/MEC e, conseqüentemente, a solução concernente às ordens de despejo linguístico, cultural, territorial e ontológico envolvendo esses 80% da população brasileira, empobrecida aos longo desses mais de 500 anos.

Os latifúndios, improdutivos ou sem qualquer compromisso com a distribuição da riqueza por sua massa de trabalhadores, se transformados em 100 mil comunas produtivas em torno dos mais de 5 mil municípios do Brasil, todas com apoio do Estado para a exploração de matéria prima, o tratamento tecnológico e industrial local, a distribuição e consumo interno de alta voltagem, com bancos de desenvolvimentos em todos os municípios, e com resposta e engajamento de todos os níveis de escolaridades, a começar pelas escolas agrícolas e universidades específicas para cada comuna ou conjunto de comunas, todo esse primeiro passo já seria suficiente para realocar todos os(as) brasileiros(as) pobres amontoados(as) nas favelas, nas periferias e nos presídios, e promover a cidadania de todos(as). Mesmo na atual excrecência econômica neoliberal que se apropriou do Brasil, nos últimos 30 anos, e em especial depois do golpe de estado de 2016, se os trilhões do PIB anual do Brasil fossem distribuídos por todas as famílias, com média de 4 membros, seriam R\$ 11.000,00 reais mensais para cada uma dessas famílias (DOWBOR, 2017).

Nessa pegada, imaginemos a reviravolta simbólica em todos os domínios do conhecimento no interior das comunas e entre elas, a começar pela reabilitação dos modos de produção originários entre as comunidades e aldeias, mas com agregação de valor tecnológico e distribuição contemporânea; com a reabilitação dos modos de produção nos quilombos, mas também com agregação de valor tecnológico; com a reabilitação dos modos de produção de toda a agricultura familiar no interior de movimentos sociais como o MST entre outros, e impacto de tudo isso na preparação dos currículos escolares, em todos os níveis, da pré-escola ao pós-doutorado; na preparação de material didático e sua industrialização de forma descentrada ou mesmo em cada comuna.

Imagine, também, o efetivo funcionamento de uma política cultural, a exemplo da que foi posta em movimento pelos governos do Partido dos Trabalhadores, entre 2003 e início de 2016, como dispositivo para um novo *soft power*, em que artistas e produtores culturais, em todos os segmentos existentes (literatura, cinema, teatro, música, circo, entre outras) continuassem esvaziando a cultura massiva alienígena até a sua completa extinção no interior das comunas.

Preservadas todas as condições de gestão da justiça, da paz social e da segurança pública democrática e cidadã, como, nessas condições, emergiria o novo espírito do brasileiro empobrecido por esses mais de 500 anos de barbárie? Imaginemos, mais uma vez, e como um dispositivo emergente da politização do simbólico entre real e imaginário, esse espírito livre do povo empobrecido em situação civilizatória socialista, sem passar por uma guerra civil como em todos os país que fizeram suas revoluções (França, EUA, URSS, China, Cuba) como teria sido os debates em congressos nacionais, estaduais, territoriais e municipais sobre questões históricas intocáveis como segurança pública democrática e cidadã, latifúndios produtivos e improdutivos e seus documentos cartoriais ilegais, bancos públicos municipais, modos de produção sociais e socialistas, religiões como construtos culturais, reparação econômica de povos escravizados e despejados, riquezas e paraísos fiscais, museus e centros de memórias sobre a barbárie no Brasil, quanto custa um político de direita e de esquerda para os detentores do capital, e assim por diante, e perguntemos como terá sido, ao longos de três anos dessas conferências, a vertigem nos corpos e o movimento e a remoção dos fantasmas na cabeça dos mais de 200 milhões de brasileiros?

Essa teria sido a função da agitação promovida por esses quase 8 doutores por 100 mil habitantes no Brasil, e supondo a distribuição de cada um deles pelas grandes 8 áreas do sistema científico e intelectual (ciências humanas, ciências sociais e aplicadas, engenharias, ciências da saúde, ciências agrárias, ciências exatas e da terra, ciências biológicas e linguística, literatura e artes), atuando, transdisciplinarmente, e de acordo com as demandas *communards*. Não é difícil imaginar o impacto de 8

doutores(as), nessas condições, na articulação de pessoas e instituições existentes e/ou a serem preparadas/criadas para o desenvolvimento do Brasil sob o seu sistema produtivo e emancipatório.

Dito isto, uma pergunta necessária e exploratória a todo(a) doutor(a) em formação no Programa de Crítica Cultural do Departamento de Linguística, Literatura e Artes do Campus II da UNEB, em Alagoinhas, é se se reconhece enredado como sujeito e como pesquisador nessas teias do sistema intelectual brasileiro e quais têm sido suas formas de dramatizar essa condição de enredado, de emparedado, e o que tem derivado desse embate de forças com potência de enunciação *communard*, isto é, quais as armas de luta expropriadas dos sistemas de aprisionamento (família, escola, igreja, estado, o capital) desde a tenra infância e como tem sido compartilhadas essas armas no espaço público de debates (salas de aula, grupos de estudos, gestão de equipamentos, movimentos sociais, entre outros) a favor do empoderamento da sociedade civil em relação ao estado, ao sistema religioso e ao sistema militar (SODRÉ, 1965) como dobras do capital excludente e predatório.

Se, em nível de doutorado, deve-se formar para uma autonomia teórica e metodológica capaz de facultar outros níveis de interpretação epistemológica, como fazer a passagem dessa interpretação à ação emancipatória, reinventando as línguas, linguagens e lógicas do sistema de exclusão e de reprodução que atravessam os modos de fazer ciência no Brasil.

Sem esse movimento no pensamento e nas práticas e atos de conhecer, é continuar sendo um sujeito pesquisador anulado ou a serviço de outras frações da classe média, que odeiam a luta de classes, ou pior do que isso: apenas ter um diploma de doutor(a) numa das mãos e um chicote de capitão do mato, na outra, a serviço desse 1% mais rico e bilionário que não hesita em transformar doutores(as) em coisas ou em animais de presa.

E para estimular, permanentemente, esse movimento no pensamento o curso de doutorado do Programa de Crítica Cultural dispõe

de um conjunto de disciplinas obrigatórias e optativas, em cada uma de suas linhas de pesquisa ou entrelinhas, que além de permitir explorar uma arqueologia do signo, como descoberta e acontecimento epistemológico do campo linguístico-literário, também mapear suas reverberações nas viradas linguístico-literárias de outros domínios do conhecimento ocidental, esperando, com isso, não só espremer o sistema intelectual e criar uma encruzilhada para uma oferta de novos saberes, mas, principalmente, fazer emergir desses novos saberes sabores de uma língua nova de comunicação e transmissibilidades entre doutores e pessoas, tribos, nações, comunidades subalternizadas e ameaçadas no seu direito linguístico, literário e de disporem de terras para viver, morar e afirmar sua vida como obra de arte.

NAS PEGADAS DE UM CRIME

Um programa de crítica cultural, com mestrado e doutorado pode ser implantado em qualquer daquelas 8 grandes áreas do conhecimento do sistema científico brasileiro, a diferença seria o foco de acordo com a principal grande descoberta de cada um desses domínios e qual a proposta, a contrapelo dessa grande área, poderia estar engajada numa revolução social nesse ou naquele país, nessa ou naquela nação, pondo por terra toda a promessa da modernidade histórica, filosófica e estética e seus efeitos genocidas e reacionários na periferia do capitalismo.

Assim, da perspectiva dos despejados de sua língua, cultura, território e do seu próprio ser, não é exagero constatar que a cultura ocidental que acompanha e legitima o capitalismo predatório e genocida, é construída, de ponta a ponta, para encobrir esses crimes. Por isso, os projetos de pesquisa num programa de crítica cultural, na grande área de linguística, literatura e artes, devem começar por uma arqueologia ou ao menos uma memorização desse “si” que constitui a enunciação do(a) pesquisador(a) e a seleção de uma de suas feridas, como signo (DERRIDA, 2014; 2001) e dobra rizomática dessa máquina de trituração de subjetividades, que é o capitalismo e seus conluios, e além disso recortar

uma das cenas do crime desse capitalismo, instalar uma máquina de guerra simbólica, móvel, montável, desmontável, no cerne da tripartição do pensamento arborescente (DELEUZE; GUATTARI, 1995), a saber, um “eu” para o controle e devassa dos corpos; a imagem do mundo, para se proliferar os signos de consumo sobre o real e controle do imaginário; o livro, “sagrado”, como suporte e circulação e imposição da lei.

O perspectivismo posto em movimento na América indígena (CASTRO, 2002) pode desmontar ponto por ponto dessa tripartição arborescente, a saber, ao “humanizar” animais e coisas, o “eu” indígena é um “ele” ou um coletivo, além de reduzir esse “eu” do humanismo ocidental (branco, cristão, militar) em um animal reativo; ao desmontar a representação, como máquina de reprodução de signos, institui os corpos como uma pragmática dos signos em movimento e em harmonia com o cosmos e a natureza; ao desmontar o “livro sagrado” como suporte e a lei, os livros passam a ser os corpos e sua potência teatral.

Assim, como o perspectivismo, há uma epistemologia popular entre os despejados de sua língua, cultura, territórios e ontologias do ser, a ser explorada pelos(as) novos(as) doutores(as) em crítica cultural. Ainda resta a imaginação, própria do pensamento artístico e literário, para a reinvenção da língua libertária e socialista.

Essa exploração por uma epistemologia popular implica acompanhar as pegadas de um crime do capital e seus conluios, na periferia do capitalismo.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. *O que resta de Auschwitz*. Trad. Selvino J. Assmann. São Paulo: Boitempo, 2008.

ANDRADE, Oswald de. *A utopia antropofágica*. São Paulo: Globo/SEC – SP, 1990.

CLASTRES, Pierre. *A sociedade contra o Estado*. Trad. Theo Santiago. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.

COURBET, Gustave. “Carta aos artistas de Paris”. *Verve*, n.15, p. 123 – 125.

DELEUZE, Gilles. *Spinoza: Filosofia Practica*. Trad. Antonio Escohotado. Barcelona: Tusquets Editores, 1984.

DELEUZE, Gilles. *Lógica do sentido*. Trad. Luiz Roberto Salinas Fortes. São Paulo: Perspectiva, 1988.

DELEUZE, Gilles. “O ato de criação”. Trad. José Marcos Macedo. *Folha de São Paulo*, 27 de jun. 1999. Caderno Mais! p. 6.

DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. “Introdução: rizoma”. In: *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Trad. Aurélio Guerra Neto e Celia Pinto Costa. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995. Vol.1.

DERRIDA, Jacques. *Posições*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

DERRIDA, Jacques. *Essa estranha instituição chamada literatura: uma entrevista com Jacques Derrida*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

DUMOND, René. “Les communes populaires rurales chinoises”. *Persée: Revues Scientifiques*, v. 9, n. 4, 1964, p. 380-397.

ESPINOSA, Bento de. *Ética*. Trad. Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Trad. Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1990.

FREUD, Sigmund. Uma nota sobre o “bloco mágico” In: *Obras psicológicas completas*, vol. XIX. Rio de Janeiro: Imago, 1969.

FREUD, Sigmund. Recordar, repetir, elaborar. In: *Obras psicológicas completas*, vol. XII. Rio de Janeiro: Imago, 1969.

FRIEDRICH, Hugo. *Estrutura da lírica moderna*. Trad. Marise M. Curiono. São Paulo: Duas Cidades, 1978.

GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. São Paulo: Cia das Letras, 1990.

GUATTARI, Félix. Restauração da cidade subjetiva. In: *Caosmose: um novo paradigma estético*. Trad. Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

HEIDEGGER, Martin. *Sobre o humanismo*. Trad. Emmanuel Carneiro Leão. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1967.

HEIDEGGER, Martin. *Que é isto? – A filosofia? Identidade e diferença*. Trad. Ernildo Stein. São Paulo: Duas Cidades, 1978.

JAMESON, Fredric. *O inconsciente político: a narrativa como ato socialmente*. Trad. Valter Lellis Siqueira. São Paulo: Editora Ática, 1992.

LENIN, Vladimir Ilitch. *O Estado e a revolução. A revolução proletária e o renegado Kautsky*. Trad. Henrique Canary. São Paulo: Edit Inst. José Luis e Rosa Sundermann, 2005.

LUKÁCS, George. O que é marxismo ortodoxo? In: *História e consciência de classe: estudos sobre dialética marxista*. Trad. Rodnei Nascimento. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

KARL, Marx. *O capital: crítica da economia política* (Livro Primeiro, vol. I, O processo de produção do capital). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.

MÉSZÁROS, István. Poder político e dissidência nas sociedades pós-revolucionárias. In: *Para além do capital: rumo a uma teoria da transição*. Trad. Paulo Cezar Castanheira e Sérgio Lessa. São Paulo: Boitempo, 2002.

NUNES, Benedito. Antropofagia ao alcance de todos. In: ANDRADE, Oswald de. *A utopia antropofágica*. São Paulo: Globo/SEC – SP, 1990.

SANTIAGO, Silviano. *O Cosmopolitismo do pobre*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.

SANTOS, Osmar Moreira dos. *Folhas venenosas do discurso: um diálogo entre Oswald de Andrade e João Ubaldo*. Salvador: Quarteto, 2002.

SANTOS, Osmar Moreira dos. *A luta desarmada dos subalternos*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2016.

SANTOS, Osmar Moreira dos. Platô de Crítica Cultural na Bahia: por um trabalho científico transgressor. In: ATAÍDE, Cléber et al. (Org.). *Cartografia GelNE: 20 anos de pesquisas em linguística e literatura*, vol. II. Campinas, SP: Pontes Editores, 2019.

SARTRE, Jean-Paul. Marxismo e existencialismo. In: *Crítica da razão dialética*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

SAUSURRE, Ferdinand de. *Curso de Linguística Geral*. São Paulo: Cultrix, 2006.

SCHWARZ, Roberto (Org.). *Os pobres na literatura brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

SLOTERDIJK, Peter. *Regras para o parque humano: uma resposta à carta de Heidegger sobre o humanismo*. Trad. José Oscar de Almeida Marques. São Paulo: Estação Liberdade, 2000.

TROTSKI, Leon. *Literatura e revolução*. Trad. Luiz Alberto Moniz Bandeira. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2007.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. Perspectivismo e naturalismo na América Indígena. In: *A inconsistência da alma selvagem e outros ensaios de antropologia*. São Paulo: Cosac Naify, 2002.